

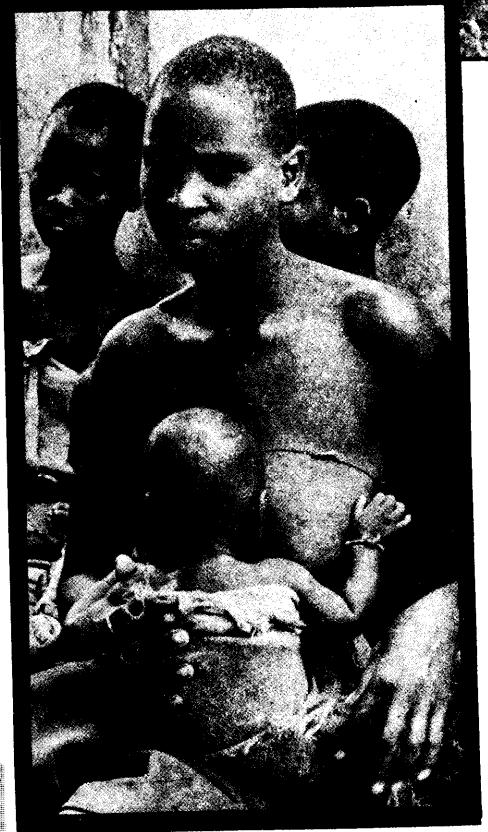
Tempo, Maputo
no.753, 17 de Março
de 1986, p.16-22



Morrumbala

O regresso à vida

Morrumbala, a duzentos quilómetros de Quelimane na província da Zambézia, vem desde princípios do ano passado retomando a normalidade da vida, após cerca de ano e meio de insegurança e terror que o banditismo armado



Texto de Fernando Manuel • Fotos de Joel Chiziane



Oito horas e quarenta e cinco minutos da manhã de domingo, 10 de Fevereiro. A pequena coluna pedestre em que nos encontramos integrados chegava a Tiade, distante 15 quilómetros da sede do distrito de Morrumbala, na província da Zambézia. A marcha fora feita a corta mato, numa sinuosa-picada em que a mata cerrada se revezava com extensos e verdejantes milheirais, em duas horas e meia.

A aldeia comunal de Tiade, na localidade de Boroma, ocupa uma vasta extensão de terras que se estende em vales, por entre os quais corre o rio que lhe deu o nome. Surgida em Maio de 1984, alberga actualmente cerca de quatro mil e quinhentos habitantes, na sua grande maioria de famílias evacuadas de zonas até então afectadas pelo banditismo armado. Como ela, existem na localidade de Boroma mais duas aldeias — Muera e Boroma sede — estimando-se a população total em dezassete mil e quinhentas pessoas, segundo Américo Zimba, Secretário da localidade.

São números transitórios, uma vez que a nossa fonte acrescentou que «continuamos a receber mais gente, todos os dias».

aí vinha impondo desde finais de 1982.

O testemunho mais eloquente desta viragem está nos cerca de vinte e três mil camponeses evacuados e actualmente reinstalados em aldeias comunais onde produzem, constroem as suas casas e relançam os alicerces da sua vida: «aqui há esperança» afirmaram-nos «no mato não».

Aspecto parcial da aldeia de Tiade, que alberga cerca de quatro mil e quinhentos habitantes





Windo Ambrósio: «aqui estou muito bem»

Em Tiade, a visita domingueira surpreendeu os aldeões entregues aos mais diversos trabalhos, acorados junto das suas casas no fabrico de esteiras, crianças cibandando à volta do pilão em que a mãe pilava o milho. Sentado à sombra da sua casa acolheu-nos o velho Windo Ambrósio, 46 anos e 15 filhos, abrindo-se num «estou aqui muito bem», feitas as explicações do nosso propósito.

Nascido em Muerundo, dá força à sua afirmação acrescentando que «vivi um ano e meio com os bandidos». Windo Ambrósio conta que «quando eles chegaram, começaram logo com a caça aos responsáveis, dentre os quais mataram alguns. Nessa altura, a acção deles virou-se mais abertamente contra a população, a quem exigiam cabritos, farinha e outros géneros alimentícios. Raptaram as mulheres mais novas e as nossas crianças».

O testemunho do ancião revelou que «foi então que alguns dos que entre nós se tinham deixado enganar pelas promessas de independência e cargos elevados compreenderam com quem estavam

a lidar». Particularmente perseguido «porque tinha muitos cabritos e porcos» Windo Ambrósio viria a ser dos primeiros a procurar segurança na aldeia, de que «já tinha ouvido falar».

«Abalei com a minha família durante a noite, sem nada dizer

a ninguém.» Instalado em Tiade sem mais nada dos que as mãos, é hoje com serenidade que relanceia o olhar pelo milho e afirma que «tenho casa para viver, machamba de milho, arroz e mapi-ra».

CHEGAR PARA FICAR

Como todos os que chegam, Windo Ambrósio foi contemplado com a distribuição de um hectare e meio de terreno para instalar a sua machamba, a que acrescentou mais áreas pois segundo Américo Zimba se «a pessoa tem força para mais nós cedemos terras para o cultivo». De toda esta política resulta que os camponeses encaram a presente campanha com muito optimismo quanto aos resultados dos seus totais três mil hectares semeados, só de milho.

Para quem, como Dionísio Chotar, «cada novo dia era um milagre» as possibilidades de refazer a vida até aos níveis em que se encontram neste centro de vida



Em cima:
Américo Zimba,
Secretário
da localidade
de Boroma ...



... «a produção
de milho
está boa.
Na próxima
campanha vamos
introduzir
novas culturas»

colectiva não deixa de ser uma «viragem significativa» como nos afirmou o Secretário da Localidade. Nos vários contactos efectuados com os habitantes da aldeia, a memória do passado recente com a atrocidade dos bandidos antevia-se até na facilidade e fluidez com a ela se fazia referência.

Chegado à aldeia há oito meses, Dionísio Chotar afirmou que, em Coutinho, onde vivia, «após a chegada dos bandidos vi-me sozinho, pois a minha mulher e filhas foram raptadas para a base, onde pilavam a farinha para alimentá-los». Obrigado a deambular pelas matas, pois «só à noite podia ir a casa buscar alguma comida», dormia pendurado em cima das árvores. «Eu já sabia que se me apanhassem seria fuzilado.»

A reunificação da família dar-se-ia muito mais tarde, quando «elas foram libertadas pelas FPLM». Joaquina Amor Oliva continua com a separação imposta com o seu marido, que na altura da fuga «foi-se instalar na aldeia de Muera».

Gradualmente, em Tiade, os casebres provisórios que todos constroem nos primeiros dias após a chegada vão sendo substituídos por construções mais sólidas, pois «aqui viemos para ficar» como o assegurou Herculano Ndjize, 45 anos, que vive com duas filhas menores, recuperadas aos bandidos «que as violaram».



Joaquina Amor Oliva: «tinham levado o meu marido e filhos para fuzilar»



Os tempos de terror vão ficando para trás: «aqui viemos para ficar»

Bernardo Cláudio, Secretário Distrital para a Economia, informar-nos-ia mais tarde que se tem vindo a encorajar a população no sentido de relançar a criação de pequenas espécies, a plantação de árvores de sombra e fruto e o melhoramento das habitações. «São trabalhos que no ano passado não nos foi possível organizar devidamente, pois priorizámos a produção agrícola.»

No ano passado a aldeia comunal de Tiade leccionou a primeira classe com 450 alunos, sendo projecto para este ano a introdução da segunda. Simultaneamente, os camponeses fizeram contribuições que totalizam 56 contos, cuja finalidade inicial era a criação de uma cooperativa de consumo. Mais tarde, e por consenso, optou-se por disponibilizar esta quantia para a criação da cooperativa, mas de produção, onde para além das culturas tradicionais se pretende introduzir outras, como a batata e o algodão.

Segundo as estimativas, esta cooperativa deverá entrar em acção ainda na campanha 1985/86. «Aqui há esperança, no mato não» diria Américo Zimba, Secretário da localidade de Boroma.

A VIRAGEM

O rio Tiade, que fertiliza e dá o nome à aldeia de que se tem estado a falar, é comum a uma outra aldeia comunal, a de Denguma, que fomos visitar no dia se-

guinte, segunda-feira, após percorrermos mais seis quilómetros. Prevista para o período da manhã, a deslocação acabou ficando para o período da tarde, pois com as enxurradas da noite a travessia, que se faz a vau, era nessa altura mais difícil.

A aldeia Denguma, pertencente à localidade sede, oferece uma paisagem de todo diferente à sua gêmea Tiade, que exhibe arruamentos e casas ordenadas em geométricos traçados em cada bairro. Em Denguma mete-se por atalhos rasgados em machambas de milho, e para o visitante as casas aparecem à frente, de chofre.

Os aldeões que aqui vivem são na sua maioria provenientes de Marrabuanha, distante cerca de 15 quilómetros que muitos percorreram pela calada da noite, evitando os «madjubas». Mostrando as mãos espalmadas e callosas, Rosca Adela, sete filhos, diria que «toda a história do meu sofrimento com bandidos está aqui».

Já bastante entrada nos anos, de que não sabe a conta, Rosca Adela foi aprisionada e levada à base «onde dia e noite estava ao pilão, fazendo farinha que nem eu própria comia». Na sua fuga, que encetou com o marido, Pingaça Catruza, «só consegui trazer alguns dos nossos filhos. Outros foram para mais longe».

Desta leva, com efeito, alguns avançaram mais, acabando por se fixarem num bairro próximo da sede distrital, em Anguleti, haven-



Travessia do rio Tiade, para a aldeia Denguma: Impraticável no tempo das enxurradas

do ainda outros que foram mais para o interior até Pinda. A aldeia Denguma conta já com uma cooperativa de produção agrícola, «onde a participação dos camponeses é voluntária». Participando ou não, os camponeses têm por sua conta dois hectares, onde produzem para a auto-suficiência.

Com três escolas construídas pelos moradores, esta aldeia projecta alargar o ensino este ano até à quarta classe.

Estes centros de vida comunal são exemplo de muitos outros que nasceram em finais de 1983 e princípios de 1984, cobrindo, segundo o Administrador substituto, Mário Angureti, cinco das treze localidades do distrito de Morrumbala. Os cerca de vinte e três mil camponeses que nelas estão reinstalados representam, ainda segundo ele, sessenta por cento da população recuperada da zona e influência dos bandidos armados.

Dados recolhidos na sede distrital indicam que o banditismo se começou a manifestar neste distrito em Agosto de 1982, havendo indicações de esta ser da responsabilidade de grupos trans-fugas de Sofala, onde então decorriam consequentes acções militares de destruição de bases e perseguição dos sobreviventes.

Em Morrumbala terá tido ini-

cio o desdobramento, que acabou levando a extensão destas acções para outros pontos da província. O conhecimento da frequência e tipo de crimes cometidos ao longo desse ano e parte do ano seguinte, de memória ainda bem viva nas conversas das gentes de Morrumbala; levou-nos a ter que concluir que hoje, nada da vida das pessoas pode lembrar esse período de insegurança e terror em que se vivia, até mesmo na sede distrital.

Na entrevista que tivemos com dirigentes distritais soubemos por exemplo que antes do início da grande ofensiva das Forças Populares, que seria em finais de 1983, «na sede distrital ninguém dormia à noite. As lojas estavam permanentemente fechadas e crescia o capim por todo o lado». Comentando sobre a forma como nos deslocámos a visitar as aldeias que fomos, dir-se-ia que «era simplesmente impensável: as patrulhas dos madjubas rondavam até quinhentos metros da sede distrital, provocando tiros em pleno dia»

A viragem mais definitiva na situação militar do distrito, segundo fontes próximas ao comando militar, iniciar-se-ia em Agosto de 1983. «Foi um trabalho conjunto, que envolveu vários comandantes na província» nomeadamente em Mauquia, Lugela,



Pingaça Catruza, da aldeia Denguma...



Maganja da Costa e Morrumbala. Pelas suas potencialidades económicas, Morrumbala seria, de qualquer das formas, «o centro donde irradiou esta acção de desbaratamento dos focos de banditismo».

AMARGO SAL

Ilustrativo é o facto de ter sido em Morrumbala, mais precisamente em Murreremba, que os bandidos armados tinham instalado a sua «base central provincial», cuja função era o apoio logístico aos acampamentos satélites, o treinamento e o centro de difusão dos inúmeros grupos que levavam a cabo acções de assalto e destruição a outros distritos, de acordo com as informações que colhemos.

A destruição desta base, a 27 de Outubro de 1983, numa operação de surpresa «foi o início do colapso», na esteira do qual se seguiram outras operações de pequena envergadura para desmantelamento e dispersão dos acampamentos avançados.

Como o testemunham as afirmações dos camponeses por nós contactados, a recuperação e o lançamento das bases para a sua reinstalação dataria dos primeiros meses de 1984. Resultado da ofensiva militar mas também do trabalho de mobilização política que, entretanto e em simultâneo se levava em frente com seriedade.

É com segurança que Mário Angureti nos afirmou que «a situação agora não tem comparação possível com esses terríveis tempos de 1982 ou 1983». Sem triunfalismos, considera contudo que, se muito já foi feito, algo há ainda a fazer para que a limpeza se torne total, pois nas «matas cerradas ainda andam grupos à solta, de cinco, seis madjupas que de tempos a tempos, desesperados pela fome e pelo isolamento, intentam incursões junto dos camponeses».

A consciência desta realidade verifica-se na consequente acção de formação de autodefesa, em cursos de seis meses para os quais

são enviados todos os moradores, na sede e aldeias comunais. Em princípios de Fevereiro encerrava-se o segundo destes cursos, que teve a participação de alunos — então de férias — funcionários e directores distritais.

Testemunho destes tempos que vão sendo de paz, estão os milheirais e mandioqueiros que bordejam a sede distrital, a abóbora e batata-doce, e o eco longínquo das vozes e batucadas que o vento à noite transporta por quilómetros, vindo das aldeias próximas.

O presente ano promete abastança em produtos alimentares, abastança que contrastará necessariamente com a enorme penúria que as populações atravessam em produtos manufacturados. Em Morrumbala, é do quotidiano a procissão de aldeões com galinhas, patos e cabritos deambulando pela vila, na mira da almejada troca com o ouro local: o sal.

Presente em todos os depósitos, o sal ocupa a posição cimeira nas preocupações que nos



... «se nos dessem sal e tecidos eu fechava a boca»

foram apresentadas, tanto em Tia-de como em Denguma, em Anguleti e mesmo na sede do distrito.

AS LINHAS DA SOLUÇÃO

Desalojados das suas anteriores bases, os bandidos armados parecem agora apostados em concentrar o seu efectivo no sentido de estrangular a vital comunicação por estrada entre Quelimane, a capital provincial, e o distrito. Em finais de Janeiro, lograram emboscar e queimar oito camiões com géneros de primeira necessidade, quatro dos quais com des-



David António Ribeiro, das Organizações Coelho ...

tinu a Morrumbala — os restantes destinavam-se a Caia.

O último abastecimento que se fez a este distrito data de 8 de Novembro de 1984. A potenciação da falta de sal não esquece porém a enumeração de outros produtos, na lista dos quais vem a seguir o sabão e os tecidos, a falta de instrumentos de produção. A situação é tanto mais aflitiva quanto o facto de que, na sua totalidade e pelas condições em que vem parar às aldeias, os recuperados vêm todos parar às aldeias de «mãos a abanar» como no-lo afirmou Zenda Tepo, que percorreu 30 quilómetros de Ma-

pinha até Anguleti, onde está instalado.

Nas aldeias mais distantes, a que não podemos chegar, o Administrador substituto assegurou-nos que a nudez é de tal ordem que «muitos camponeses passam o dia fechados nas palhotas, saindo apenas à noite, cobertos de folhas de bananeira».

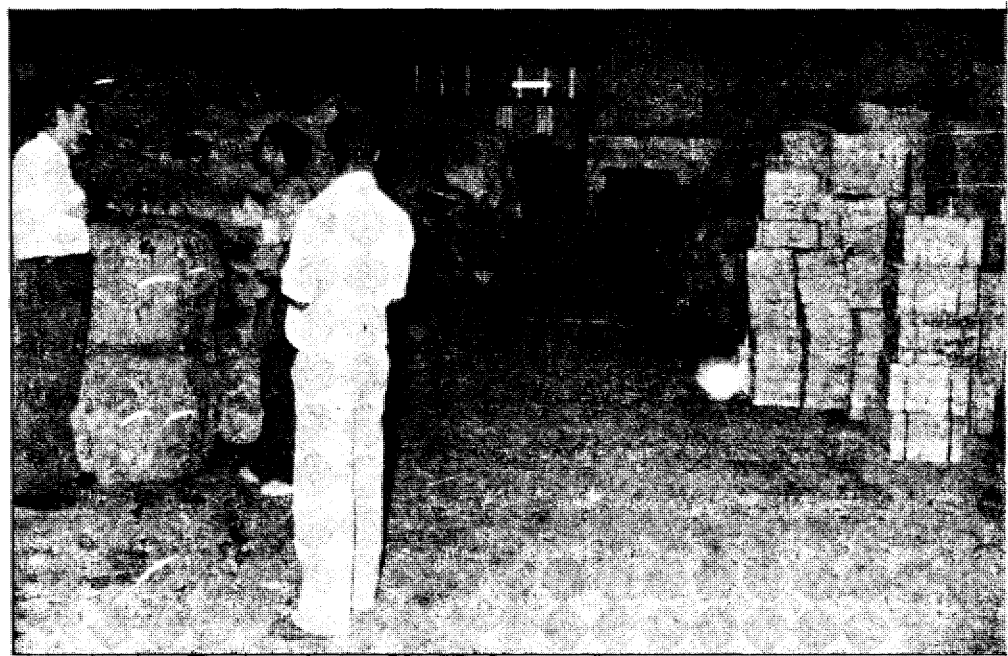
Não deixa de ser ironia verificar que, nos armazéns das Organizações Coelho, em Quelimane, a mercadoria com destino a Morrumbala está há meses servindo de pasto para uma colónia crescente de ratos, que roem desde sabão — uma pilha enorme — tecidos, sal, louça, mantas e um sem número de instrumentos de trabalho. No trajecto das colunas, e segundo David António Ribeiro, representante da Direcção, estes armazenistas perderam já seis camiões e mercadorias diversas, tudo avaliado em quarenta mil contos de prejuízos.

Sendo os responsáveis por abastecer também os distritos de Chinde e Milange, e por forma a obviar os crescentes prejuízos que advém da deterioração da mercadoria para Morrumbala em armazém, as Organizações Coelho avançaram uma proposta no sentido de desviar esta cota para

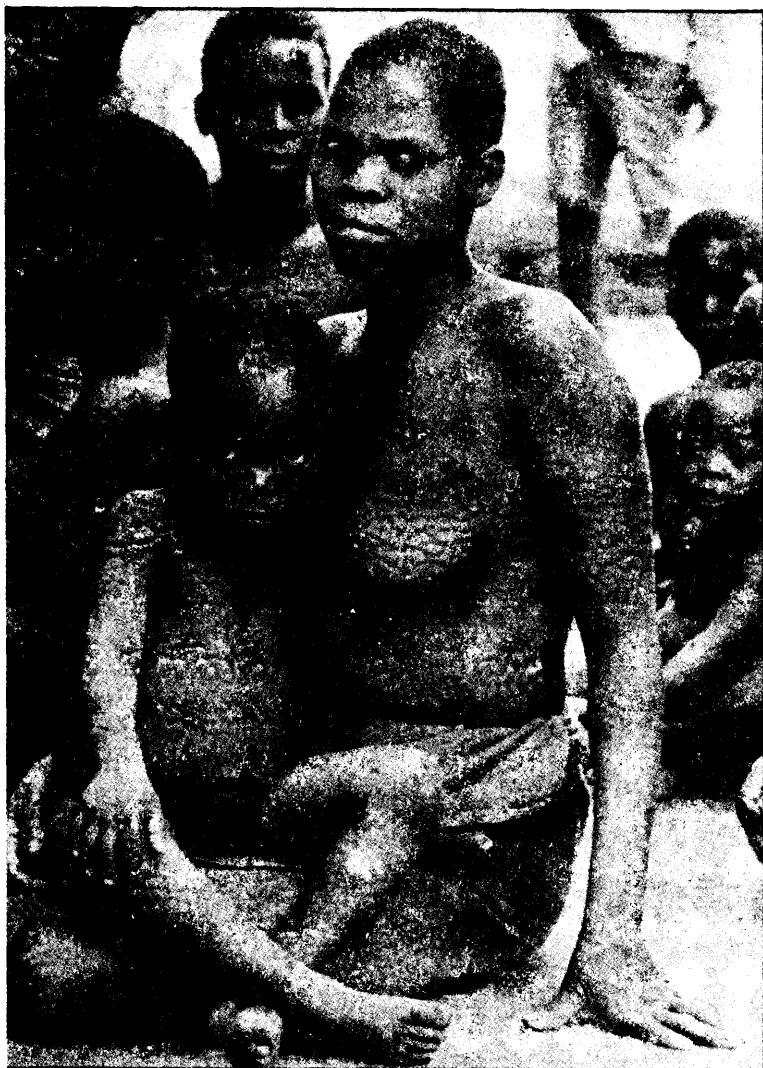
consumo noutras zonas, proposta que ao que parece hiberna nas gavetas, com os inconvenientes óbvios.

Seja como for, e consoante informações de David Ribeiro, a empresa mostrou-se disponível a comprar mais camiões e a responsabilizar-se pela logística de um grupo especial de militares cuja função exclusiva seria a protecção das colunas para Morrumbala. Existe, entretanto, segundo apurámos junto a fontes próximas, a ideia entre os militares de que o problema principal não são os bandidos armados «mas sim a via, que está em péssimas condições de trânsito particularmente na picada que vai do cruzamento do Zero até à sede — 52 quilómetros».

Enquanto se mantém a situação neste ponto, as populações em Morrumbala, cuja situação de abastecimento os dias vêm a agravar-se, receberam de mãos abertas o projecto existente de se construir uma pista para aterragem dos «Antonov», prontificando-se a dar horas de trabalho para a destronca e terraplenagem. As próprias Organizações Coelho, aliás, já se manifestaram prontas a apoiar o avanço do projecto ce-



... 30 000 contos em mercadorias em armazém, entregues aos ratos



«A situação do abastecimento é angustiante e pode vir a comprometer todo o trabalho feito até agora», Mário Angureti, Administrador-Substituto de Morrumbala

dendo 96 milhões de meticais e combustível.

O impedimento maior parece agora residir em questões de burocracia, pois, em Morrumbala nos informaram que «nada podemos avançar sem uma decisão da província», para onde terão encaminhado a proposta. Inconformados, os mais imediatistas vêm no helicóptero a solução menos problemática, a mais realizável num prazo ideal.

«Reconhecemos que a situação do abastecimento é angustiante» afirma Mário Angureti «e que a população não se mobiliza só com palavras. A manutenção desta situação poderá vir a comprometer todo o trabalho até agora feito».

□